

Aiala Colares Couto

Geógrafo, Doutor em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo NAEA/UFPA,
Professor Assistente II da UEPA
aialacolares@hotmail.com

Territórios-rede e territórios-zona do narcotráfico na metrópole de Belém

Resumo

A Amazônia vem nestas últimas décadas se destacado enquanto uma área geográfica de grande importância para a conexão global do crime. Nesse contexto, as cidades da Amazônia, sobretudo, as metrópoles de Belém e Manaus, onde territorialidades alternativas vêm se configurando como substrato espacial. Este artigo tem como proposta objetiva analisar os territórios-rede e territórios-zona do narcotráfico na metrópole de Belém. Esta pesquisa é parte dos resultados de tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. A metodologia utilizada neste trabalho se baseou em pesquisa bibliográfica, análise documental, trabalhos de campo e observações sistemáticas. Os territórios do narcotráfico em Belém são configurações geográficas que marcam a história dos conflitos urbanos na atualidade.

Palavras-Chave: Narcotráfico, Redes, Territórios.

Abstract

NETWORK-TERRITORIES AND ZONE-TERRITORIES OF NARCOTRAFFIC ON THE METROPOLIS OF BELÉM

In the past decades, Amazon has emerged as a geographical area of great importance for the global connection of crime. In this context, the cities of the Amazon, above all, the metropolises Belém and Manaus, where alternative territorialities are becoming a spacial substrate. This article has the objective of analyze the

network-territories and zone-territories of narcotraffic in the metropolis of Belém. This research is part of the result from a doctoral thesis defended in the Postdoctoral Program in Sustainable Development of the Humid Tropics. This work's methodology is based on bibliographic research, documentary analysis, field work and systematic observations. The territories of narcotraffic in Belém are geographical configurations that mark the history of today's urban conflicts.

Key-words: Narcotraffic, Networks, Territories.

1. Introdução

Para se ter uma precisão na análise sobre o narcotráfico em Belém, é preciso, antes de tudo, compreender as duas lógicas de organização territorial que ele impõe. A primeira lógica, definida como territórios reticulares ou territórios em redes ou simplesmente territórios-rede, é a que transformou a metrópole de Belém em uma espécie de “nexo” ou de “nó” de uma ampla organização espacial do crime organizado na Amazônia, assim como os bairros periféricos, articulados pelas redes, também se tornam “nós” de uma estrutura de poder heterônoma. Já a segunda lógica se define a partir de mecanismos de controle que são construídos em função de relações intrabairros (de dentro) e que são responsáveis pela formação de zonas territoriais, ou então territórios-zona do narcotráfico.

Esta perspectiva corresponde a uma lógica de abertura e fechamento dos territórios (HAESBAERT, 2004), através da qual redes e zonas articuladas compõem a estrutura organizacional do espaço-territorial do narcotráfico na metrópole de Belém, tornando-a, portanto, cidade-nó, conectada a outros mercados regionais e nacionais, ao mesmo tempo em que se apresenta enquanto mercado consumidor que interessa aos traficantes. Por isso, a territorialidade destes sujeitos torna-se necessária.

A micropolítica tem uma grande contribuição na construção de territorialidades, pois ela trata de micro relações de poder que foram construídas a partir do cotidiano dos moradores nos bairros, onde interações socioespaciais surgem em função do tráfico de drogas. Então, em Belém, são justamente estas micro relações instituídas que criam as condições políticas para que as redes do narcotráfico se materializem e alimentem

as zonas. Isso não significa que as formas mais tradicionais de territórios não são importantes, mas as redes organizaram um movimento de distribuição e controle destes bairros, de tal forma que eles são fortemente influenciados por ordens “externas”, dando sentido para o termo poder heterônomo¹. Para Castoriadis (1992), a heteronomia deve ser compreendida como a condição de pessoas ou de grupos que recebem elementos que lhes são externos, ou então, de início, estranhos à razão, à lei que se deve submeter.

A heteronomia ocorre quando o sujeito não se diz, mas é dito por alguém, existe, pois, como parte do mundo de um outro (certamente, por sua vez, travestido). O sujeito é dominado por um imaginário vivido como mais real que o real, ainda que não sabido como tal. O essencial da heteronomia – ou da alienação, no sentido amplo do termo – no nível individual, é o domínio por um imaginário autonomizado que se arrojou à função de definir para o sujeito tanto a realidade quanto seu desejo (CASTORIADIS, 1992).

Dessa forma, a estrutura de poder, controle e disciplina do narcotráfico constrói um campo de forças comandado pelas redes, ou seja, o tráfico de drogas não nasce na periferia ou nas favelas das grandes cidades; ocorre que estes espaços são apropriados pelas redes, onde a biopolítica e o racismo presentes na política institucional, na política de planejamento urbano e na política de segurança pública permitem que uma população seja também regulada pelo crime organizado.

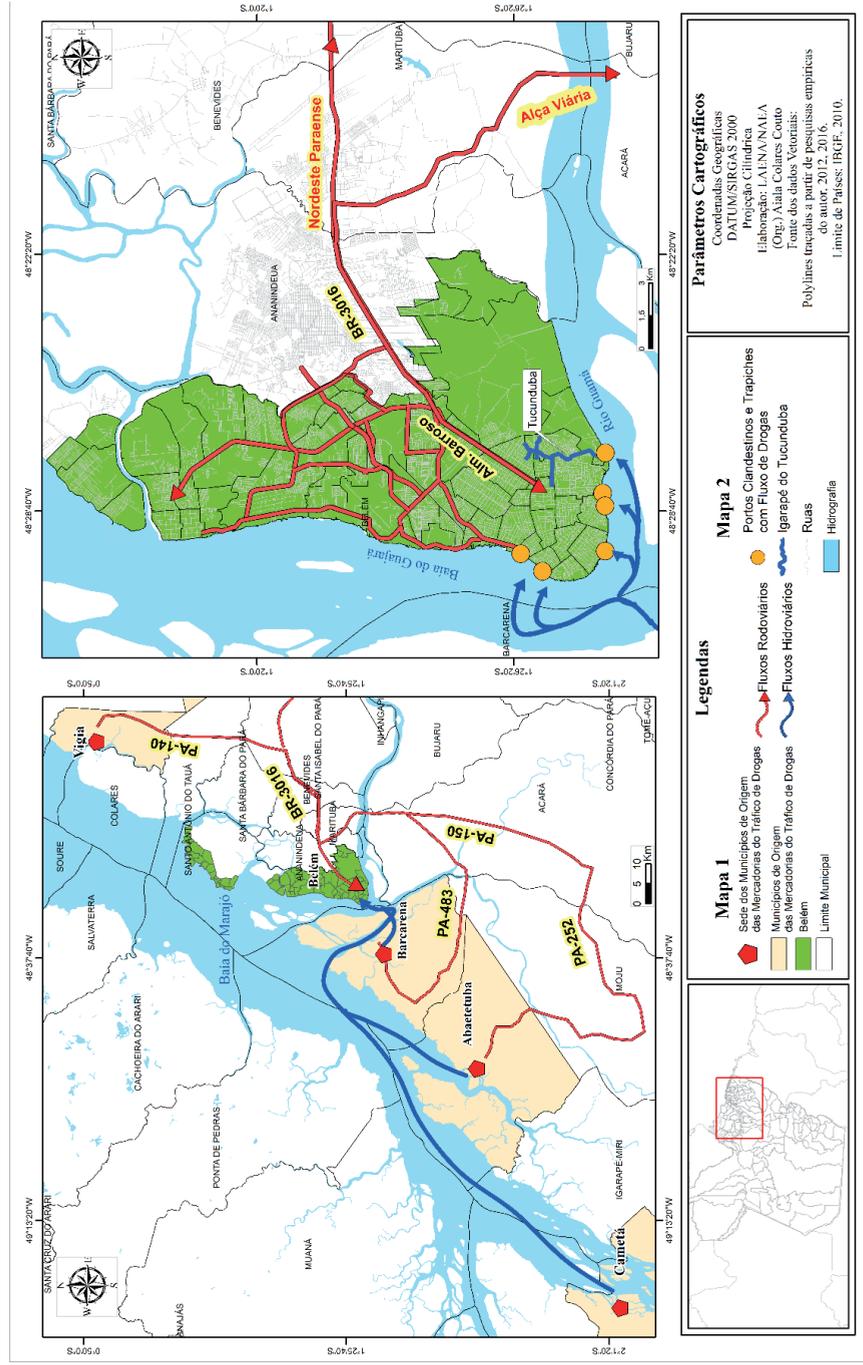
Com efeito, é esta relação entre o “dentro” e o “fora”, e que está estabelecida pelas redes do narcotráfico na região amazônica, que expressa territorialidades que se sobrepõem. Isto faz com que a metrópole de Belém conviva em meio aos territórios-rede ou territórios em redes e territórios-zona, como bem definiu Haesbaert (2004).

Quando se trata das formas de distribuição da cocaína, tendo como destino a metrópole de Belém, têm-se as mais variadas e “inteligentes” formas de transporte da droga. Também se deve considerar a importância que a metrópole adquire por estar banhada por uma baía (baía do Guajará), a qual permite ter um contato com o rio a partir do desenvolvimento de um comércio regional que apresenta um intenso fluxo de pessoas

e mercadorias. Em meio a esta característica, traficantes “camuflam” a droga que vem transportada em barcos, nos quais ribeirinhos são aliciados por traficantes. Muitas vezes, os donos de embarcações nem sabem que carregam droga, a qual pode vir camuflada inclusive dentro de frutas, pescados, dentre outros. Esta é uma tarefa bastante difícil para a segurança pública.

Por isso, portos e trapiches tornaram-se portas de entradas de cocaína em Belém: somando-se a sua conexão por estradas e aeroportos, a metrópole é incorporada definitivamente a esta dinâmica. Quanto mais organizadas estão as redes do narcotráfico, mais difícil se torna conter as ações que corrompem as estruturas sociais, políticas e econômicas do estado. Logo, depois da definição dos territórios do narcotráfico nos bairros escolhidos pelas redes, ocorre, então, a materialização das relações de poder que resultam deste contexto de “integração perversa” (CASTELLS, 1999), entre o “dentro” e o “fora”, que é também um contexto de “territorialização perversa” (COUTO, 2014) do mercado da droga. O mapa 1 foi elaborado a partir de informações coletadas em campo, além de registros oficiais de apreensão de drogas pela Polícia Civil, resultando numa cartografia das redes ilegais do narcotráfico na metrópole de Belém.

Mapa 1
REDES DE DISTRIBUIÇÃO DO TRÁFICO DE DROGAS EM BELÉM



Fonte: Couto/Polícia Civil (2017).

É fácil identificar os pontos mais concentrados na Zona Sul de Belém, onde estão os bairros Cremação, Guamá e Terra Firme, com destaque para o Igarapé do Tucunduba, o qual foi ocupado a partir dos anos de 1950 por territórios precarizados. O Igarapé, ou Rio Tucunduba, representa o limite entre os bairros Terra Firme e Guamá, de acordo com o imaginário popular. Já o bairro do Jurunas tem seu processo de ocupação relacionado à ocupação da área da Estrada Nova, a partir dos anos 1940, onde a precarização urbana é uma característica que ainda se faz presente.

Estes bairros nasceram à beira do rio e com ele mantêm relações, trocas e fluxos, pois neles existem portos, trapiches, estâncias de material de construção e, em alguns casos, como no Jurunas, um fluxo contínuo de pessoas e mercadorias que expressa a interação de Belém com a região das ilhas e com outras regiões mais distantes da metrópole, como o baixo Amazonas, a região do Marajó e o baixo Tocantins.

Essa interatividade é aproveitada de forma positiva pelas redes do narcotráfico, as quais percebem a fragilidade na efetivação de uma política combativa de controle da entrada e saída de mercadorias e de pessoas. Associada a isso, a precarização dos bairros completa a ampla relação entre redes e territórios na dinâmica do narcotráfico em Belém.

Também é possível identificar a incorporação pelas redes do narcotráfico de eixos estruturantes importantes da integração regional, ou seja, eixos como a BR-316 e a Alça Viária², que integram a região metropolitana de Belém ao Sudeste do Pará, por exemplo, e se tornaram importantes eixos de distribuição dos fluxos de droga no espaço metropolitano de Belém e no estado do Pará, além de converterem as cidades em nós de uma trama: “Diante de um espaço transformado numa grande rede de nodosidades, a cidade vira um ponto fundamental de tarefa do espaço de integrar lugares cada vez mais articulados em rede” (MOREIRA, 2008, p. 162).

Com isso, há um uso do espaço pelas redes que controlam os fluxos de distribuição de drogas; sendo assim, torna-se estratégico para o narcotráfico obter o controle deste movimento e controlar o território significa, sobretudo, envolvê-lo pelas redes do poder.

Segundo Haesbaert (2004, p. 279-280):

Talvez seja esta a grande novidade da nossa experiência espaço-temporal dita pós-moderna, onde controlar o espaço indispensável à nossa reprodução social

não significa (apenas) controlar áreas e definir “fronteiras”, mas, sobretudo, viver em redes, onde nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na (sempre relativa) estabilidade, mas na própria mobilidade – uma parcela expressiva da humanidade identifica-se no e com o espaço em movimento, podemos dizer. Assim, territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento.

Nesse movimento, através do qual o narcotráfico se territorializa, controlando os fluxos de distribuição de cocaína na metrópole e em seu espaço metropolitano, bem como condicionando o comércio interno a esta dependência que vem de fora para dentro. De um modo ou de outro, a rede é o elemento que define as formas de territorialização.

A ação das redes na metrópole de Belém evidencia, também, a Amazônia no contexto regional-global do narcotráfico, destacando seu papel enquanto área de trânsito, Belém aparecendo como “nó da trama”, incorporada ao território-rede de uma escala de poder que ultrapassa os limites territoriais do estado. O poder das redes se configura, então, em redes do poder.

É a globalização do crime organizado, destacando-se que:

A comunicação instantânea globalizada revoluciona a formação de territórios pela configuração de redes que podem mesmo prescindir de alguns de seus componentes materiais fundamentais, como os “condutos” ou simplesmente, dutos. Assim, com uma maior carga imaterial, ou, mais propriamente, combinados de forma muito mais complexa o material e o imaterial, as redes contemporâneas, enquanto componentes dos processos de territorialização (e não simplesmente de desterritorialização), configuram territórios descontínuos, fragmentados, superpostos, bastante distintos da territorialização dominante na chamada modernidade clássica (HAESBAERT, 2004, p. 281).

Esse processo de territorialização do tráfico de drogas utiliza-se de fluxos materiais (tráfico de drogas e armas e contrabando de mercadorias) e imateriais (fluxos de capitais para lavagem de dinheiro e fluxos de informações), os quais acompanham a evolução dos mercados e utilizam como vantagem a revolução tecnológica para aprofundar as transações comerciais. Com maior fluidez no espaço, as fronteiras tornam-se porosas e, no caso da Amazônia, ainda há o problema da dimensão geográfica que facilita o clima de tensão constante nas fronteiras que são precariamente vigiadas.

As cidades da região, principalmente as metrópoles, como Belém, passam a fazer parte de uma “geometria de poder” (MASSEY, 1993), ou seja, uma dimensão importante do narcotráfico para o controle dos fluxos que abastecem a (s) metrópole (s). Por isso, Haesbaert (2004) acentua que não se trata simplesmente de priorizar o expressivo sobre o funcional, mas de reconhecer sua permanente imbricação.

Não se pode perder de vista que o território também é movimento, é reorganização dos fluxos, é funcionalidade imposta, ou não, pelas relações de poder nele estabelecidas. De acordo com Haesbaert (2004, p. 281), “se o território hoje, mais do que nunca, é também movimento de feições meramente funcionais, ele é também um movimento dotado de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem usufrui dele”.

No caso específico da metrópole de Belém, é um movimento de cima para baixo que cria outro movimento de baixo para cima, conexões, tensões e conflitos materializados em uma geografia do narcotráfico sobre a periferia e na periferia; uma territorialidade a partir das redes, mas que, também, se utiliza de uma lógica zonal carregada de símbolos e significados outros, que as redes fazem questão de construir. Nesse sentido, tem-se, então, territorialidades-rede e territorialidades-zona, configuradas a partir das redes do narcotráfico.

Badie (1995), ao abordar o princípio da territorialidade, salienta que o mundo das redes se opõe ao modo de articulação dos indivíduos e dos grupos. O primeiro é fundado sobre a contiguidade e a exaustividade; o segundo, sobre relações livres dos constrangimentos espaciais. Um implica o fechamento e a exclusão; o outro, a abertura e a inclusão. Num caso, as relações construídas são eminentemente políticas, fundadas sobre a fidelidade cidadã; no outro, elas são funcionais e supõem fidelidades móveis, não hierarquizadas, frequentemente setoriais e voláteis.

Desse modo, a expressividade do narcotráfico na metrópole é indissociável da relação entre as redes e os territórios. Contudo, a metrópole de Belém torna-se, também, palco de outras atividades ilícitas, como a lavagem de dinheiro que é incorporado aos mercados urbanos, principalmente nos próprios bairros onde são desenvolvidas as atividades do narcotráfico. Com isso, há uma mistura entre as atividades lícitas e ilícitas que

confundem a segurança pública e que envolvem as relações cotidianas nas periferias urbanas.

Essas conexões promovem, de certa maneira, a territorialização do narcotráfico de um lado; e, por outro, a desterritorialização do Estado, pois realizam movimentos que se sobrepõem no espaço em relação ao outro que ali já estava.

Seria exagero afirmar que o Estado perdeu totalmente o controle sobre seu território, pois se trata aqui de uma atividade que está inserida em uma “economia subterrânea”, muitas vezes “invisível” aos olhos do aparelho estatal; e, quando visibilizada, acaba sendo incorporada por ele através dos mecanismos de corrupção desenvolvidos por seus agentes, confundindo o tráfico com a própria instituição Estado. Não se trata aqui de uma afirmação generalizada, mas de apresentar alguns exemplos de como ocorre a relação entre Estado e narcotráfico na metrópole de Belém, discussão que será retomada mais adiante.

2. Os níveis de organização em redes do narcotráfico em uma escala intraurbana

É diante deste contexto que todos os bairros de Belém que mantêm uma forte relação com o tráfico de drogas tornaram-se zonas sob o poder das redes territorializadas. A micropolítica, nesse sentido, é destacada como um elemento importante para a organização dos territórios a partir de um sistema social construído por seus sujeitos, no qual o narcotráfico cria as formas de controle que caracterizam o território.

Para Gidens (1985), todos os sistemas sociais podem ser estudados como incorporação ou expressão dos modos de dominação, e é este conceito, mais do que qualquer outro, que fornece o ponto de convergência para a investigação do poder. Os sistemas sociais que possuem alguma existência, regularizada em termos de tempo e espaço, são sempre “sistemas de poder”, ou exibem formas de dominação, no sentido de que estão imbuídos de relações de autonomia e dependência entre atores e grupos de atores.

A seguir, serão apresentados três níveis de organização das redes do narcotráfico em Belém em uma escala intraurbana. O nível 1 diz respeito

à representação dos transportes e das comunicações que envolvem os bairros de Belém no contexto das redes. Já o nível 2 é a representação da operação das redes e seus principais núcleos de distribuição da droga. Por fim, tem-se o nível 3, o qual representa a relação mais direta entre redes e territórios, cada bairro aparecendo como um nó.

A figura 1 corresponde ao nível 1 de funcionamento das redes, considerando os transportes e as comunicações. O esquema corresponde primeiramente aos bairros que se destacam como portas de entrada da droga pelos rios, com uma localização mais acentuada na Zona Sul da metrópole. Na área central, o ponto de confluência representa os bairros que estocam, comercializam internamente e distribuem cocaína para outras áreas da periferia da cidade.

A figura 2 traz um nível mais complexo de estruturação das redes, levando-se em consideração o beneficiamento de cocaína, seu consumo e sua distribuição no entorno dos bairros territorializados como zonas. Entretanto, esta lógica reticular demonstra o grau de complexidade das redes do tráfico de drogas, através das quais os fluxos atendem a um recorte intraurbano que vai da Zona Norte até a Zona Sul da cidade, destacando também um número significativo de bairros que estão sob a influência do tráfico de drogas em Belém.

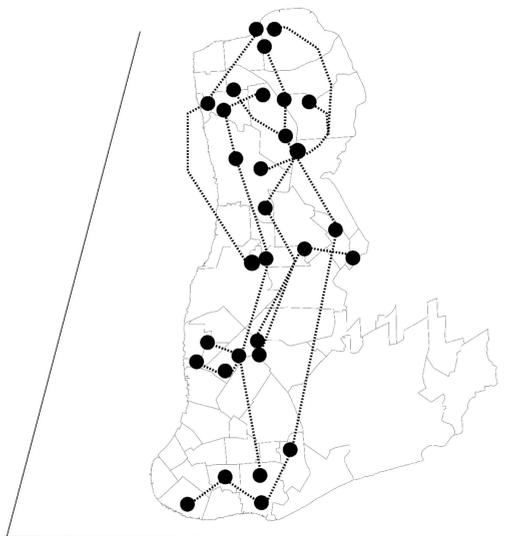
Por fim, a figura 3 apresenta o nível mais direto de organização das redes ou dos territórios-rede em Belém, através dos quais ocorre a conexão direta das redes com os bairros que são considerados zonas imediatas do tráfico de drogas e que foram definidos como “seus territórios”. É preciso ressaltar que as redes envolvem todo o espaço da metrópole, então, o que se pretende demonstrar aqui é a relação entre elas e os bairros da periferia que se enquadram na categoria “território”. Ou seja, existem níveis mais complexos de estruturação que vão para além do espaço metropolitano, pois são conexões que chegam a outras regiões do estado do Pará e até do território brasileiro.

Figura 1
OPERAÇÃO DAS REDES DO TRÁFICO DE DROGAS – NÍVEL 1 (TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES)



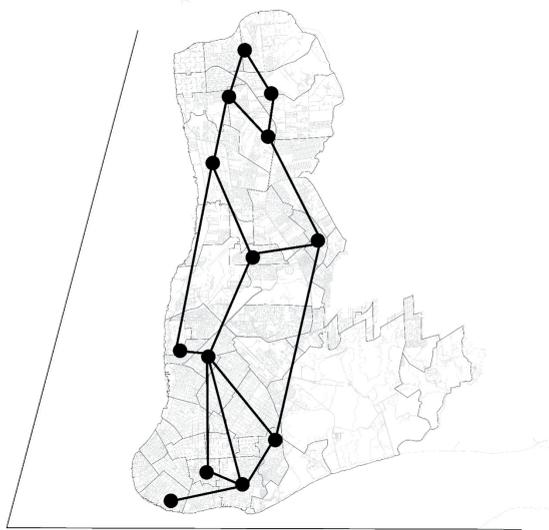
Fonte: Trabalho de campo, adaptado por Couto (2017).

Figura 2
OPERAÇÃO DAS REDES DO TRÁFICO DE DROGAS – NÍVEL 2 (ESCALA INTRAURBANA)



Fonte: Trabalho de campo, adaptado por Couto (2017).

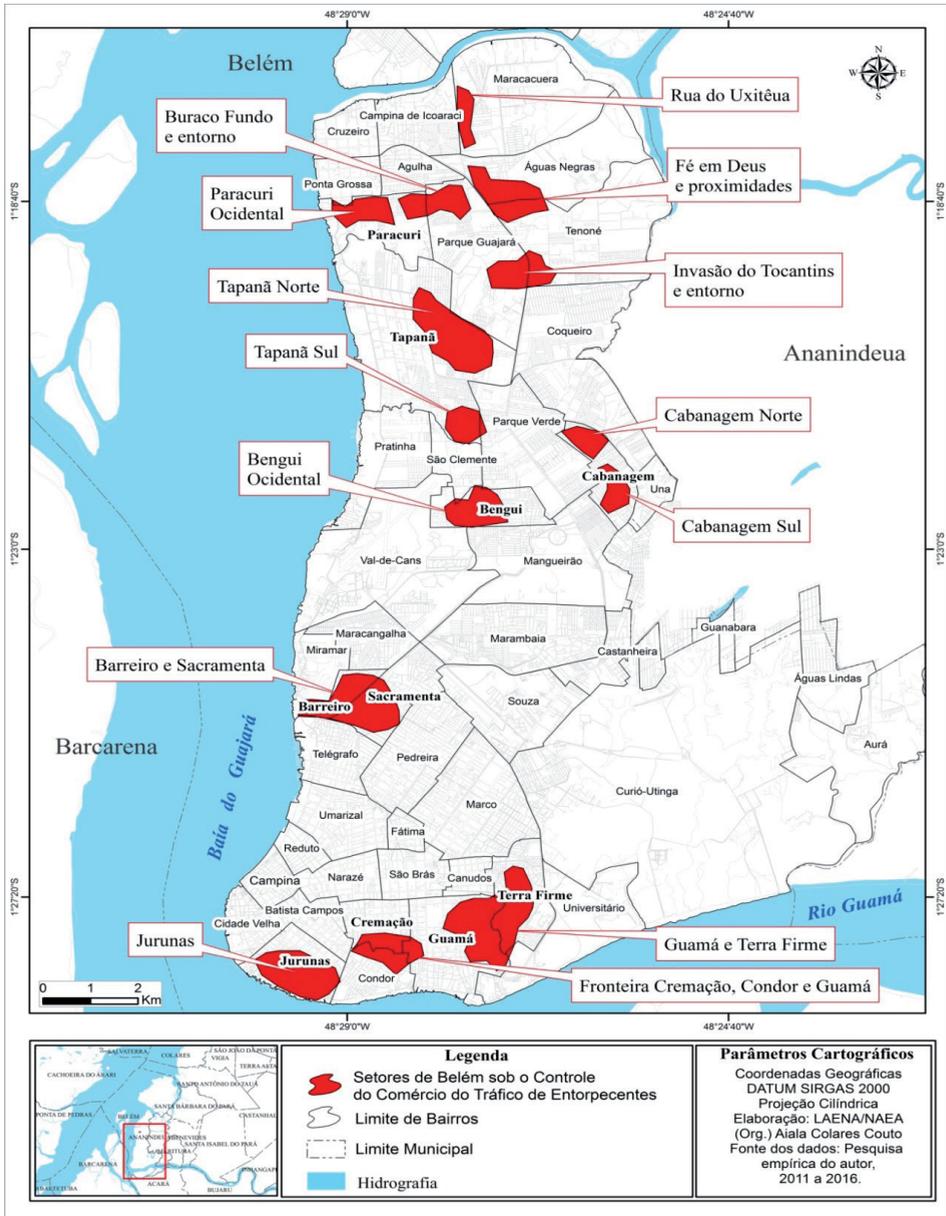
Figura 3
OPERAÇÃO DAS REDES DO TRÁFICO DE DROGAS – NÍVEL 3 (REDES E TERRITÓRIOS)



Fonte: Trabalho de campo adaptado por Couto (2017).

O mapa 2 apresenta uma cartografia dos bairros ou setores, como se definiu algumas áreas que estão sob o controle do narcotráfico, localizados da Zona Sul até a Zona Norte. São bairros territorializados, ou seja, bairros com a presença de territórios-zona conectados aos territórios-rede, nos quais o exercício do poder tornou-se essencial para a completa integração deles ao circuito do narcotráfico. É a partir destes bairros que a metrópole encontra-se completamente integrada à dinâmica do narcotráfico; por eles, organiza-se toda a atividade e o movimento que dão sentido ao comércio/ ao varejo, principalmente de cocaína.

Mapa 2
BAIRROS E ZONAS DE BELÉM SOB O CONTROLE DO TRÁFICO DE DROGAS



Fonte: Couto (2016).

Destaca-se, também, que a elaboração do mapa com a definição dos territórios se deu a partir da percepção dos sujeitos que compõem essa dinâmica de dominação do narcotráfico, pois foram as entrevistas e observações em campo que permitiram uma identificação mais precisa das áreas que caracterizam os territórios. Também se levou em consideração, em parte, algumas informações coletadas a partir do banco de dados quantitativos da Secretaria Integrada de Análise Criminal (SIAC), da Polícia Civil do Estado do Pará, que apontavam as ocorrências. Então, de certo modo, o SIAC nos deu um norte a partir da explicitação dos conflitos urbanos na periferia, que, somado à coleta de dados qualitativos, permitiu a elaboração de uma cartografia dos territórios do narcotráfico em Belém.

Na Zona Sul de Belém, mais precisamente nas áreas de baixada, que obedecem ao caráter inicial da formação da metrópole confinada, tem-se os bairros Condor, Cremação, Guamá e Terra Firme. Nestes bairros, destaca-se a relação que estabelecem com o rio, os portos e as rotas do tráfico de drogas em uma escala intraurbana. Os portos, ou trapiches, desempenham o papel de áreas receptoras, misturando a droga com as mais diversas mercadorias que, historicamente, fazem parte do cotidiano destes bairros. O tráfico encontra assim locais privilegiados para camuflar a droga.

Na Zona Oeste de Belém, ainda dentro da formação confinada da metrópole, destacam-se os bairros Barreiro, Pedreira e Sacramento. Na região do Barreiro há um destaque maior, pois o bairro apresenta uma complexa organização espacial, onde as áreas de difícil acesso – em função da precarização da habitação e dos serviços urbanos – permitem a formação de locais estratégicos para o tráfico de drogas, como as ruelas e os becos em torno dos canais, que foram ocupados por uma população que não se enquadra nos padrões normais de habitação. Assim, uma rede de delinquentes que praticam assaltos pela Avenida Pedro Álvares Cabral pôde se estabelecer nessas áreas estratégicas.

Nesse sentido, destacam-se: o Canal da São Joaquim, que liga os bairros Barreiro, Sacramento e Telégrafo; a Passagem São Benedito e a Passagem Santa Rosa, localizadas nos bairros Sacramento e Pedreira.

Também há pontos dispersos em áreas de canais ou áreas que caracterizam ocupações informais. O controle do tráfico sobre estes bairros concentra-se somente na distribuição da droga, os comandos internos realizam suas atividades e prestam contas ao fornecedor. Não há evidências de grandes traficantes ou “chefões” do tráfico residindo nestes bairros ou “tomando conta” destas áreas, o que significa dizer que existe um controle de fora dos bairros.

Na Zona Leste, os bairros do Benguí e Cabanagem apresentam-se enquanto zonas territoriais do tráfico de drogas, com um destaque muito maior para o bairro Cabanagem e a conexão deste com o bairro Una. O crescimento destes bairros obedece à dispersão populacional para além da Primeira Légua Patrimonial da cidade. É a fase de formação da metrópole dispersa, a partir da expansão em direção à Rodovia Augusto Montenegro, em sentido a Icoaraci e Outeiro.

Na Zona Oeste localizam-se os bairros Tapanã e Paracurí, no Distrito de Icoaraci: o tráfico de drogas desponta nestas áreas de tal forma que os conflitos se manifestam na área de limite entre um bairro e outro. O controle chegou ao ponto de os moradores aceitarem tal realidade, alimentando o estigma que se cria em relação à realidade periférica: bairros que surgem em função de processos de ocupação informal e apresentam precariedade nos serviços de infraestrutura urbana.

Finalmente, na Zona Norte de Belém encontram-se o Buraco Fundo, a Invasão do Tocantins, a passagem Fé em Deus e a Rua Uxiteua, também pertencentes ao Distrito de Icoaraci. Esses locais completam o mapeamento das áreas, que estão sob o controle do tráfico, como resultado de nossas pesquisas. Ressaltando que, no caso da Zona Norte, não se pode deixar de considerar a importância dos rios para a articulação do tráfico de drogas; bem como o processo de ocupação informal, que também favoreceu a criação de uma organização espacial que facilita as ações de “aviãozinhos”³ ou traficantes.

3. Territórios-rede de distribuição intraurbana do narcotráfico em Belém

O que está em jogo, na verdade, é a necessidade de dominação político-econômica do tráfico de drogas com ordens de “fora” para “dentro”, como já destacado. Portanto, do ponto de vista das relações e da própria essência, os bairros periféricos de Belém se apresentam enquanto territórios-zona do narcotráfico. São nexos orientados pelos fluxos que perpassam os limites do Estado territorial, superpostos e dinâmicos nas formas de apropriação/dominação do espaço, complexos em sua composição e contraditórios em sua produção. Mas, quando se trata do narcotráfico, prevalece em sua natureza o exercício do poder, aquilo que dá sentido real ao território:

Um território, antes de ser uma fronteira, é primeiro um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. A territorialização engloba, ao mesmo tempo, aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade; em outras palavras: tanto os itinerários quanto os lugares (BONNEMAISON, 1981, p. 253-254 apud HAESBAERT, 2004, p. 280).

O território, na perspectiva do narcotráfico, está estruturado, de maneira zonal e reticular, por microrrelações de poder que abrangem também relações macro. O poder está por toda a parte, pois ele é essencial e necessário para a manutenção de uma atividade que desenha sua própria Geografia, que rivaliza ou até compactua com outras estruturas territoriais. As estruturas territoriais mostram que o território não é unidade homogênea, por conta de uma complexidade dos elementos que promovem as diversas configurações, algumas específicas, de acordo com a perspectiva estruturante do território.

Por isso, para Deleuze e Guattari (1997, p.120-121), o território “tem uma zona interior de domicílio ou de abrigo, uma zona exterior de domicílio, limites ou membranas mais ou menos retráteis, zonas intermediárias ou até neutralizadas, e reservas ou anexos de energia”.

Para Haesbaert (2004, p. 282):

Nesta abordagem, fica mais fácil visualizar um território forjado numa lógica zonal ou em superfície, como uma área delimitada por fronteiras. Ela sugere também um território no sentido mais tradicional ao estabelecer uma espécie de hierarquia entre interior-exterior, “residência”, “zonas intermediárias” e “anexos”. Deleuze

e Guattari certamente não estão inspirados aqui num território de feições mais rizomáticas que, provavelmente, na sua interpretação, estariam mais associados a processos desterritorializadores.

A partir dos territórios, grupos impõem limites e regras às pessoas, imposição de “fora” para dentro e de “dentro” para fora, a partir de seus próprios códigos, normas e regras, uma imposição em parte direcionada aos sujeitos que estão sob a zona de dominação do narcotráfico, mas que serve, também, para a população que se encontra no campo de forças das relações de poder do narcotráfico, ou seja, aqueles que habitam o território.

É dessa forma que se configura um território-zona ligado ao narcotráfico. Deve-se chamar a atenção para o fato de que o território-zona só se definiria como tal pela predominância das dinâmicas “zonais” sobre as “reticulares”, mas não por sua dissociação. Ou seja, o território-zona não estabelece em momento algum uma relação dicotômica ou dual com o seu complementar, o território-rede (HAESBAERT, 2004).

Para Haesbaert (2004), há então duas formas ou lógicas de territorialização: uma pela lógica zonal, de controle de áreas e limites ou fronteiras; outra pela lógica reticular, de controle de fluxos e polos de conexão ou redes. Para este autor, a diferença entre zonas e redes tem origem em duas concepções e práticas distintas do espaço, uma que privilegia a homogeneidade e a exclusividade, outra que evidencia a heterogeneidade e a multiplicidade, inclusive no sentido de admitir as sobreposições espaço-temporais.

O território deve ser apreendido em suas múltiplas vertentes e funções, admitindo-se a existência de múltiplos territórios, principalmente nas grandes cidades, como os territórios da prostituição, do narcotráfico, dos homossexuais, das gangues, entre outros, que podem ser temporários ou permanentes (SOUZA, 1995). Segundo Souza (1995, p. 94), o território-rede representa uma “ponte conceitual” que reúne a contiguidade espacial do território “no sentido usual” e a descontinuidade das redes, formando-se, assim, um território descontínuo que, dependendo da escala, é “uma rede a articular dois ou mais territórios descontínuos”, como no caso dos territórios-rede de diferentes facções do narcotráfico, estruturando de forma descontínua seu poder por meio da conexão entre várias favelas em disputa no município do Rio de Janeiro (SOUZA, 1995).

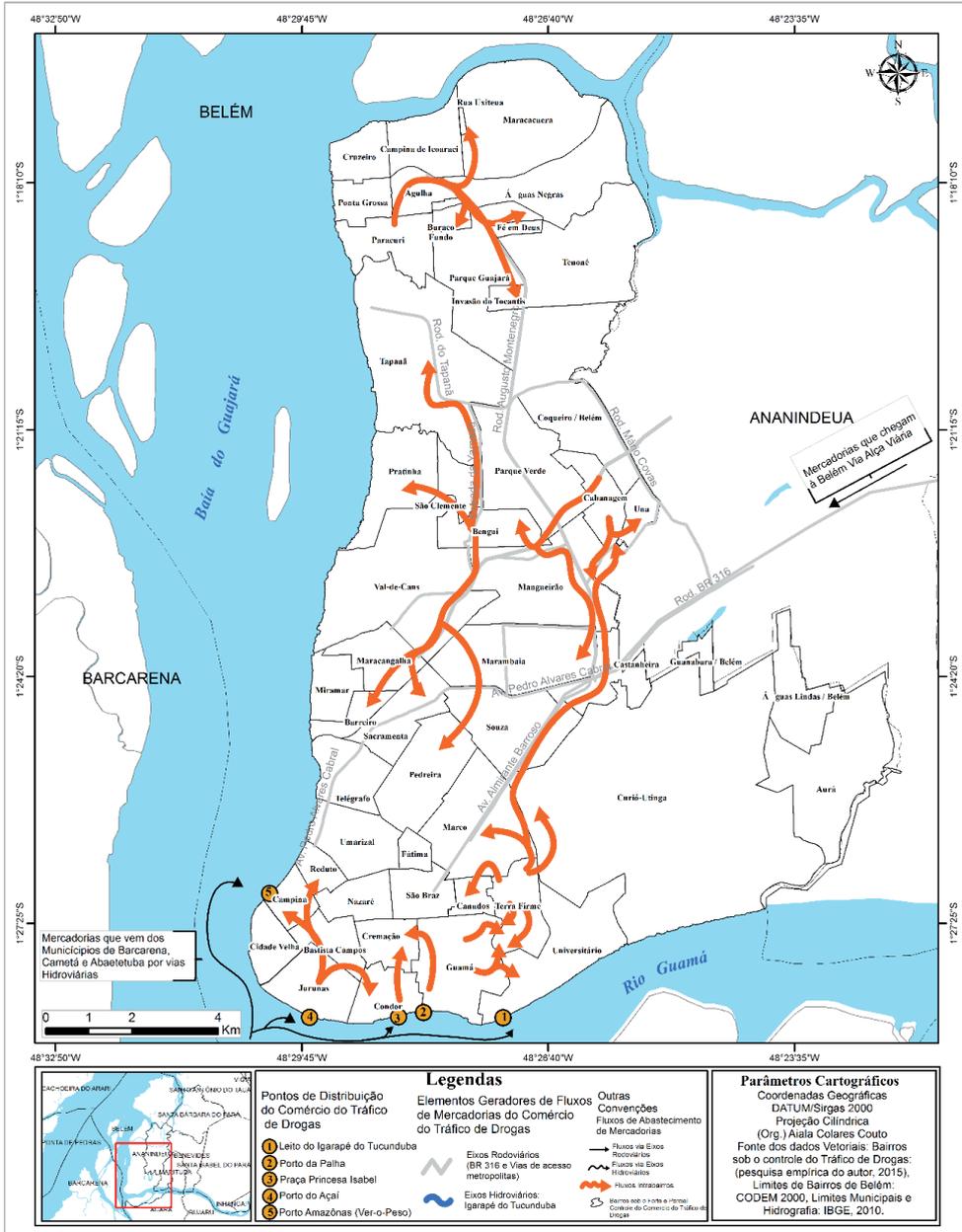
O que ocorre, de fato, em relação ao narcotráfico em Belém e com os bairros apontados aqui é a existência de “[...] conexões com o exterior, que às vezes são até mesmo privilegiadas em relação às conexões internas, representam processos concomitantes de desterritorialização, ou seja, neste caso, de perda de controle do Estado em relação às dinâmicas internas ao território nacional” (HAESBAERT, 2004, p. 294).

O mapa 3 mostra a organização das redes internas de distribuição de drogas no espaço de Belém, considerando a distribuição a partir dos bairros que representam os principais comandos do narcotráfico. É fato que essa distribuição é dinâmica e pode sofrer alterações de acordo com as necessidades de organização do próprio narcotráfico. O trabalho de campo realizado durante o desenvolvimento da pesquisa considerou as entrevistas, as observações, bem como a análise documental, ou seja, técnicas de investigação científica que permitiram a elaboração de uma cartografia das redes internas do narcotráfico.

Como se pode visualizar no mapa, os bairros centrais distribuem drogas para os bairros vizinhos, por exemplo, Guamá, Terra Firme e Condor na Zona Sul de Belém. Tal distribuição é um dos fatores que explica a concentração de vários conflitos nestes bairros. Na Terra Firme e no Guamá, por exemplo, um bairro pode abastecer a área do outro e isso pode ocasionar conflitos em função do uso do território ou por outros motivos associados ao tráfico de drogas. Os bairros Benguí e Cabanagem também são exemplos de áreas em conflito, pois exercem a função de bairros distribuidores das drogas que neles ficam estocadas para a comercialização; os dois bairros são responsáveis pela distribuição em seu entorno e mantêm ligações a partir de acordos estabelecidos pelo comando do tráfico, visto que ambos são estratégicos para esta conexão.

Também, a área do Paracurí no sentido do distrito de Icoaraci, localizado ao Norte da metrópole, exerce a função de distribuidor, destacando que isto não quer dizer que o narcotraficante que promove o abastecimento resida neste bairro, mas o que de fato acontece é que o Paracurí é utilizado como uma área na qual a droga desembarca e, a partir daí, é distribuída.

Mapa 3
REDES DE DISTRIBUIÇÃO INTRAURBANA DO TRÁFICO DE DROGAS EM BELÉM



Fonte: Couto (2016).

Sobre as redes, é imprescindível uma análise que dê conta de entendê-las a partir da sobreposição de territórios que elas causam, pois se misturam com outras formas de territorialização, como competição e aliança, por exemplo. O narcotráfico e o Estado atuam das duas formas, tanto nos territórios em rede, quanto nos territórios em zonas. São criações de ambos, por isso é tão importante enxergar a multiterritorialidade presente no espaço geográfico.

Segundo Haesbaert (2004, p. 307),

Enquanto os territórios-zona aparecem centrados em dinâmicas sociais ligadas ao controle de superfície ou à difusão em termos de áreas (em geral contínuas), utilizando prioritariamente o recurso a limites mais exclusivistas ou a “fronteiras” bem demarcadas, nos territórios-rede a lógica se refere mais ao controle espacial pelo controle dos fluxos (“canalização” ou dutos) e/ou conexões (emissores, receptores e/ou simplesmente reais). Uma característica muito importante é que a lógica descontínua dos territórios-rede admite uma maior sobreposição territorial, na partilha concomitante de múltiplos territórios.

Então, ao tratar do narcotráfico em Belém, nos encontramos diante de uma força que se enraíza no território, ou seja, um poder – que não deve ser chamado de “poder paralelo” – visto que existe uma relação imaterial, invisível ou virtual com as instituições e com o próprio Estado. Por fim, a mais importante perspectiva na utilização do conceito de território como um modo de compreender o narcotráfico na metrópole é a sua natureza política, que supera a perspectiva de um poder “único”, “legítimo” e “exclusivo” do Estado. São diferentes configurações territoriais, contínuas e descontínuas, zonais e reticulares ou superpostas, que dão sentido à ideia de múltiplos territórios ou de um território sobreposto a outro.

4. Considerações finais

Com grande impacto sobre as metrópoles, o narcotráfico promove a criação de territórios urbanos desterritorializadores em relação às normas legais e à própria figura do Estado. Não se pode esquecer que o Estado, enquanto instituição jurídico-política, também tenta, de todas as maneiras, regularizar o uso do território, impondo uma lógica de violência legítima que culmina nas políticas de combate ao narcotráfico. Políticas que, muitas

vezes, se confundem com as formas biopolíticas de controle do espaço. Nesse sentido, é importante reconhecer as tentativas de reterritorialização do Estado ou as novas formas de territorialização.

Os mapas da organização do narcotráfico na metrópole de Belém evidenciam uma configuração espacial da dinâmica econômica do crime. Assim, a dimensão territorial tornou-se essencial para o fortalecimento do comércio de drogas, envolvendo, sobretudo, as periferias, onde esse tipo de atividade consegue enxergar nas formas espaciais e nos conteúdos sociais potencialidades essenciais para sua existência. Assim, o desenho geográfico do narcotráfico sobre a metrópole é bastante complexo, pois a forma reticular ou em redes demonstra uma fluidez espacial que configura territórios que se sobrepõem uns aos outros, uma espécie de “encobrimento”, inclusive sobre o poder estatal.

Por fim, os territórios-rede e os territórios-zona do narcotráfico na metrópole de Belém expressam relações de poder que promovem suas próprias geografias e impõem estratégias de dominação e articulação que significam a presença de um poder constituído; um poder que, ao organizar o território, se fortalece enquanto atividade econômica. Decerto, Belém tornou-se nos últimos anos um importante nó de organização das redes do tráfico de cocaína para a África, a Europa e as regiões Sul e Sudeste do Brasil. Por outro lado, formou-se internamente um mercado consumidor em potencial, que criou áreas de conflito nas periferias, envolvendo facções rivais que vêm reproduzindo na metrópole a lógica da violência urbana.

NOTAS

- 1 A palavra heteronomia significa dependência, submissão e obediência.
- 2 A Alça Viária do Pará corresponde à rodovia PA-483 e a um complexo de pontes e estradas totalizando 74 km de rodovias e 4,5 km de pontes. Este sistema de engenharia foi construído para integrar a Região Metropolitana de Belém ao Sul e Sudeste do Pará além da região do município de Barcarena.
- 3 Nas redes sociais do narcotráfico os “aviãozinhos” são os sujeitos que comercializam a droga em um determinado território. Em Belém, há uma preferência por adolescentes na periferia em situação de vulnerabilidade, pois se torna mais fácil a cooptação para que se tornem integrantes do grupo ou facção criminosa.

Referências

- BADIE, B. **Le fin des territories**. Paris: Fayard, 1995.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto III**. O mundo fragmentado. Tradução de Maria Rosa Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- COUTO, A. C. **A geografia do crime na metrópole**: das redes ilegais à territorialização perversa na periferia de Belém. Belém. EDUEPA, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, G. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- GIDENS, A. **O Estado-nação e a violência**: segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico. São Paulo: EDUSP, 1985.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MASSEY, D. Power-geometry and a progressive sense of place. In: BIRD, J. et al. (Edit.). **Mapping the futures, local cultures, global change**. Londres; Nova York: Routledge, 1993. p. 59-69.
- MOREIRA, L. F. **Drogas, economia, tributação e a ética liberal**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.
- MOREIRA, R. **Da região à rede e ao lugar**: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. São Paulo. Contexto, 2008.
- SOUZA, M. L. **O território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

Recebido em: 20/04/2018

Aceito em: 02/05/2018